



Morrer para a arte

Vítor Costa | CEAACP - Universidade de Coimbra



As paisagens funerárias oitocentistas são consequência da clivagem da tradição de inumar os mortos nas igrejas (ou suas imediações) e da necessidade higienista de os (re)colocar fora da malha urbana. Forjados na dicotomia cidade dos vivos/cidade dos mortos os cemitérios do século XIX assumiram-se, desde a sua génese, como verdadeiros museus a céu aberto onde arte e a arquitetura concorrem, não só para a celebração da memória do indivíduo/família, como igualmente para a afirmação de estatuto/relevância social.

Contudo, a imortalidade almejada com a ereção destes monumentos ao longo do tempo foi-se dissipando no consciente colectivo. Só na segunda metade do século XX, perante a crescente dormência social estes espaços receberam renovada atenção. Com a morte cada vez mais afastada da esfera pública e transformada num dos maiores tabus da sociedade contemporânea (Áriés 1982: 579), o indivíduo ficou liberto de quaisquer constrições morais que o impeçam de se (des)relacionar com as sedutoras paisagens funerárias do século XIX.

Porém, a descontextualização destas obras de arte faz com que elas se apresentem frequentemente, aos sujeitos que as visitam, de forma enigmática, abrindo o caminho a lendas, tão necessárias ao apaziguamento do frágil ser humano, e tornando tangível o inexplicável. É pois, desta forma, que encontramos no cemitério de Père-Lachaise o túmulo de Victor Noir. Também ele, símbolo de um republicanismo que lhe encurtaria a vida e que justificaria a sua trasladação para a necrópole parisiense, não resistiria à interpretação artística de Jules Dalou que, aclamada pelo género feminino, se metamorfoseou em culto da fertilidade com ritual instituído.

Pelo enigmatismo mudo dos seus monumentos, o espaço cemiterial oitocentista torna-se, em suma, a partir da segunda metade do século XX, não só um potenciador da fria consciencialização da efémera condição do Homem, mas também um local “where the living are charmed by the dead (Stone 2006: 155)”, onde o historiador da arte se vê confrontado com novos desafios.



Figura 1 (em cima) - Jules Dalou, Túmulo de Victor Noir, Cemitério de Père-Lachaise, Paris. © vmscosta.

Figura 2 (em baixo) - Jules Dalou, Pormenor do túmulo de Victor Noir, Cemitério de Père-Lachaise, Paris. © vmscosta.

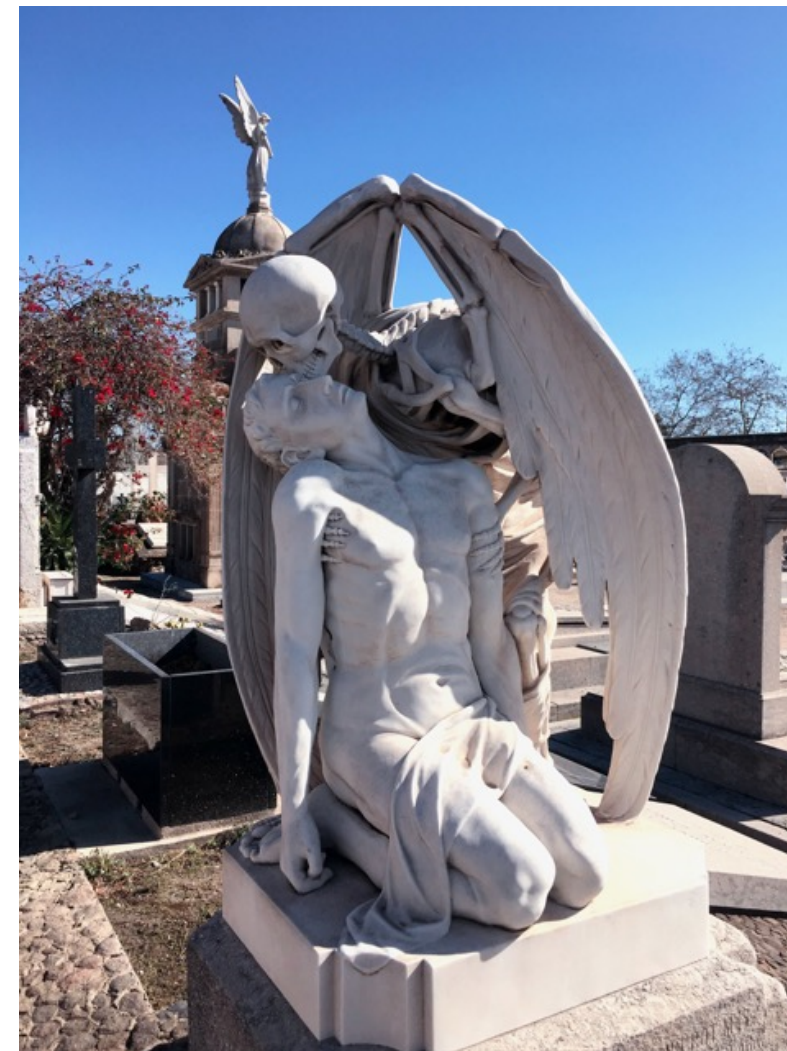
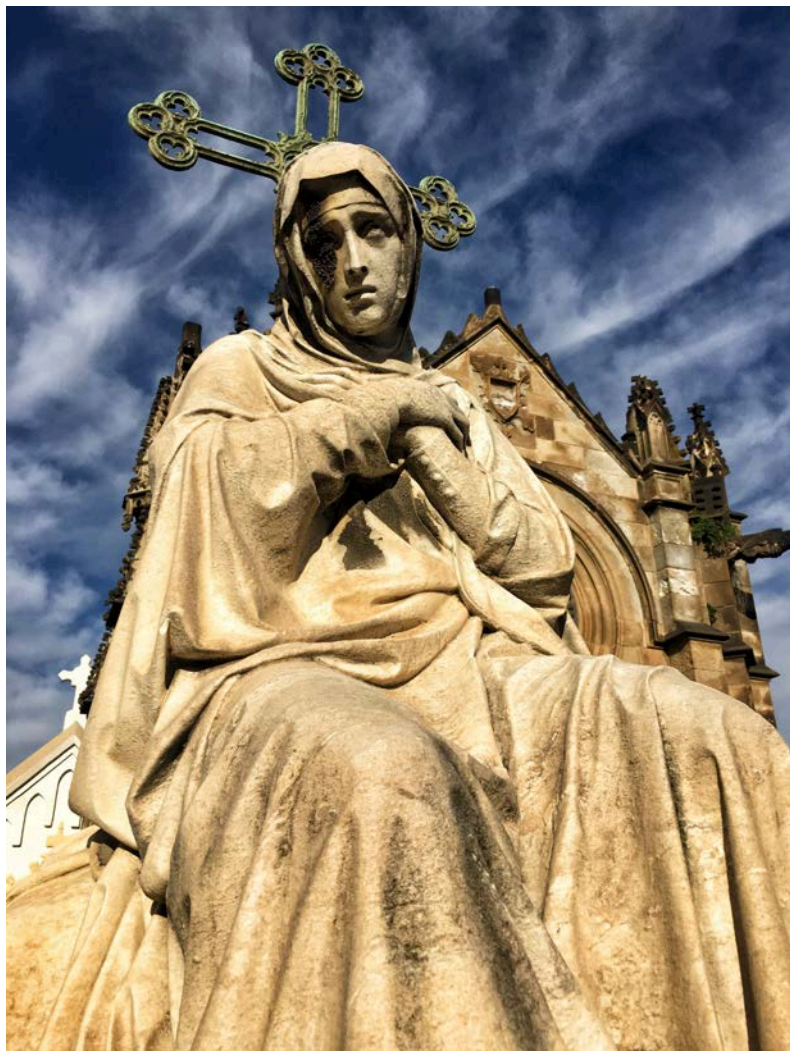


Figura 3 (em cima, à esquerda) - Pormenor do cemitério de Poblenou, Barcelona. © vmscosta.

Figura 4 (em cima, ao centro) - Pormenor do cemitério de Poblenou, Barcelona. © vmscosta.

Figura 5 (em cima, à esquerda) - Jaume Barba, O Beijo da Morte, 1930, Cemitério de Poblenou, Barcelona. © vmscosta

Figura 6 (em baixo, à esquerda)) - Pormenor do cemitério de Poblenou, Barcelona. © vmscosta.





Figura 7 (pagina anterior, à esquerda) - Arq. Josep Majó I Ribas, Esc. Josep Reyes I Gurguí, Vitrais Antoni Rigalt, Pormenor do Jazigo de Germans Collaso I Gil, cemitério de Montjuic, Barcelona. © vmscosta.

Figura 8 (página anterior, à direita) - Antoni Pujol, Túmulo de Nicolau Juncosa, 1913-14, cemitério de Montjuic, Barcelona. © vmscosta.

Figura 9 (à direita) Agustín Querol, Pormenor do túmulo de Dona Luisa Sancho Mata, 1908-11, cemitério de San Isidro, Madrid. © vmscosta

Figura 10 (em cima) - Agustín Querol, Túmulo de Dona Luisa Sancho Mata, 1908-11, cemitério de San Isidro, Madrid. © vmscosta.



Figura 11- Túmulo de Charles Pigeon, Cemitério de Montparnasse, Paris. © vmscosta.



Figura 12 - Túmulo de Gustave Jundt,
Cemitério de Montparnasse, Paris.
© vmscosta.